



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

O mundo Colorido de Maria: acessibilidade atitudinal em um curso de Licenciatura em Matemática

Célia Regina Roncato¹

Ubiratan Barros Arrais²

Ana Elisa dos Santos França Reis³

Resumo. Este artigo está alicerçado em teóricos que defendem a Educação Matemática sob diferentes olhares, entre eles, os críticos e inclusivos. Nesse escopo, o objetivo deste estudo é apresentar algumas possibilidades de acessibilidade no Ensino Superior, em um curso de Licenciatura em Matemática, na intenção de conectar o *foreground* de estudantes às interpretações das experiências com a aprendizagem. Para tal, realizam-se discussões teóricas obtidas por meio de uma entrevista semiestruturada com uma estudante, que relata as experiências vividas em seu passado, enquanto estudante da Educação Básica, e o seu presente no contexto educacional do Ensino Superior. Os resultados apontam para a necessidade dos envolvidos no processo educacional, refletirem a respeito dos caminhos atitudinais, favorecendo a acessibilidade de todos, em direção às possibilidades de reelaboração dos sonhos e desejos de futuro profissional promissor aos educandos. Conhecer os *foregrounds* dos estudantes pode auxiliar o docente a entender os motivos de suas aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Matemática; Inclusão no Ensino Superior; Acessibilidade Atitudinal; *Foreground*.

Introdução

Um tanto assustada, insegura, permeada por incertezas, de posse dos pinceis e dos potes de tintas, Maria coloca-se diante da tela do próprio de futuro, propondo um novo colorido. A jovem tem um leque de possibilidades, descortinando os estudos futuros. Lembranças de um passado ainda recente misturam-se aos novos contextos, em encontros entre diferentes olhares, diferentes idades, diferentes culturas, diferentes caminhos, frutos de conquistas e lutas. Lá está Maria no processo seletivo de Licenciatura em Matemática, reelaborando sonhos, reconstruindo seu *mundo da vida*.

Que interpretações Maria atribui aos estudos em matemática? Qual o universo sociopolítico que envolve Maria? Quem é Maria? Será importante ao docente do Ensino Superior conhecer a vida, compreender o mundo que rodeia cada aluno, sonhos, desejos, cultura, o passado, o presente?

Na intenção de propor respostas a esses e outros questionamentos, iniciamos as abordagens teóricas em direção à inclusão nos estudos superiores, de Maria e outras “Marias”, dos “Pedros”, das “Lívyis” e quem mais chegar. Essas são pessoas que buscam atribuir um novo significado para algo já presente, reconhecendo a existência das próprias

¹ Faculdade Sesi de Educação FASESP. Email: celia.roncato@sesisp.org.br ou celia.roncato@yahoo.com.br

² Faculdade Sesi de Educação FASESP. Email: ubiratan.arrais@sesisp.org.br ou ubiratanarrais@gmail.com

³ Faculdade Sesi de Educação FASESP. Email: anafebfreis@gmail.com.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

habilidades e talentos nesse desenvolvimento. Para dar conta do exposto, avançamos com nossas discussões.

Limiar Teórico

Diferentes contextos tendem a influenciar as decisões e escolhas dos caminhos que movem o indivíduo, orientando-o a reconhecer que pode chegar a um momento que está por vir, diante das expectativas, esperanças, ou até mesmo obstáculos e medos que, muitas vezes, são ultrapassados e vencidos em meio às dificuldades. Compreender o mundo que rodeia o indivíduo, especificamente os estudantes, conhecer os costumes, a infância, o *background*, são fundamentais para o docente pois, frequentemente, as lembranças do passado do aluno podem influenciar o envolvimento nos estudos. Diante disso, seguimos os entendimentos de Skovsmose *et al.* (2009, p.240), ao proporem entendimentos ao *background* e *foreground*, quando asseveram que “o *background* refere-se às raízes culturais e sociopolíticas de um indivíduo ou grupo humano”, enquanto que o *foreground* “refere-se à interpretação de uma dada pessoa sobre as perspectivas de aprender e viver que o contexto sociopolítico aparentemente lhe disponibiliza”.

Cabe pontuar que o conceito de *background* foi proposto por D’Ambrosio (1990), por entender que as vivências do passado da pessoa, como por exemplo, origem, costumes, infância, família, bagagem cultural, tendem a fornecer tendências ao futuro. Ou seja, são as experiências da pessoa que estão cravadas em seu passado e podem interferir ou inclusive manifestar algumas inclinações para a configuração do futuro. O *background* do aluno pode influenciar, portanto, as interpretações com relação aos estudos.

Voltamos, então, para Maria que, naquela sala de aula, retoma fatos do seu *background*, como a um filme assistido em suas lembranças do passado. Maria tem expectativas, esperanças, sonhos e a intenção de reelaborar o futuro diante da oportunidade de cursar Licenciatura em Matemática. E *foreground* tem profunda relação com essas expectativas, esperanças e oportunidades. Skovsmose *et al.* (2012, p.235) definem o *foreground* de uma pessoa como as “interpretações das oportunidades de vida em relação ao que parece ser aceitável e estar disponível no contexto sociopolítico dado”. São medos, obstáculos, esperanças, angústias, oportunidades, possibilidade e impossibilidades, expectativas de sonhos que tendem a influenciar o *foreground*, como mostra a Figura 1:



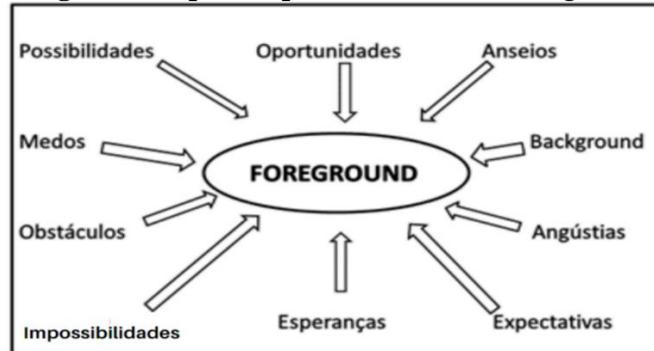
III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Figura 1: Aspectos que influenciam o *Foreground*



Fonte: Disponível em Roncato (2021, p.43).

Conhecer os *foregrounds* dos estudantes, portanto, auxilia o docente a entender os motivos que os impulsiona ou afasta-os às: aprendizagens, realidades, ilusões, esperanças e conquistas de sonhos, aspirações e desejos, derrotas e conquistas. Ainda, para Skovsmose *et al.* (2009, p.242), *foreground* “está vinculado à interpretação que cada um faz sobre as oportunidades da vida e de aprendizagem que o contexto sociopolítico torna disponível”. Desse modo, tanto oportunidades como interpretações podem passar por modificações diante das próprias possibilidades vivenciadas.

Tendo em pauta a situação de Maria, é possível indiciar que ela intui que está diante do contato com diferentes perspectivas de vida profissional, que permitem refletir a respeito das próprias escolhas. Mudanças de atitudes são possíveis ao reelaborar as histórias de vida, entre lutas e conquistas, com olhares a um futuro promissor.

Do mesmo modo como cada um pode perceber possibilidades de diferentes maneiras, também pode-se interpretar e reinterpretar antecedentes e experiências passadas. Em determinadas situações essa é uma estratégia valiosa, em outras é um obstáculo para a continuidade da vida. Ambos, *background* e *foreground* são recursos que podem motivar a aprendizagem e fazer vir à cena algumas intenções (SKOVSMOSE *et al.*, 2009, p.262).

Diante disso, entendemos “ação” como o ato de desempenhar algo, cumprir, conquistar, uma concretização que inclui aprendizagem. Já “aprendizagem” interpretamos como uma ação guiada por intenções que está intimamente relacionada com o *foreground* da pessoa: “uma ação revela a intencionalidade de quem a executa e, portanto, revela seu *foreground*”, de acordo com os entendimentos de Skovsmose (2014, p.42). A ação, portanto, revela a atuação, o processo e, não menos importante, a iniciativa. Em algumas situações de aprendizagem, assume relevância atrelar a noção de *foreground* com a maneira pela qual a



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

pessoa vivencia as experiências ao seu redor, os obstáculos e exclusões que, geralmente, estão expressos nas atitudes executadas por algumas pessoas.

Como exemplo, propomos uma reflexão de um caso que ocorreu há muito tempo, em 1975. Um dos candidatos ao curso de Direito de uma Universidade do Estado de São Paulo, com 50 anos de idade, era cego e necessitava de algumas ações que permitissem seu ingresso à universidade. A instituição em questão permitiu que o candidato realizasse a prova de vestibular oralmente, facilitando o acesso ao Ensino Superior. Entretanto, somente esse acesso não garantiria ao estudante a permanência em equidade de condições, uma vez que, além da cegueira, ele não tinha o tato, que perdeu em função de enfermidades físicas. Também não existiam livros acadêmicos publicados oralmente, fato que impunha mais obstáculos nas condições de aprendizagem. Foi quando um dos colegas tomou a iniciativa de gravar os livros de forma oral, em uma atitude de acessibilidade, ampliando as possibilidades para que o jovem senhor concluísse os estudos, formando-se advogado anos mais tarde.

Frente a essa situação, é possível que o estudante tenha reelaborado o *foreground* ao se deparar com as iniciativas positivas, que conferiram motivos e intenções voltados aos estudos. Como *foreground* está vinculado à interpretação que cada um faz sobre as oportunidades da vida frente ao contexto sociopolítico, poderíamos prever um *foreground* arruinado para o caso do jovem senhor candidato à advogado. Entretanto, a iniciativa e, as atitudes de acolhimento, proporcionaram a acessibilidade.

Desse modo, compreendemos pertinente recorrer aos termos legais, os quais dispõem quanto à acessibilidade, em específico de acordo com o Decreto nº 5296, de 2004, tem por objetivo favorecer as condições para que o indivíduo realize atividades cotidianas, com segurança e autonomia, nos espaços urbanos, nos mobiliários, nas edificações, nos sistemas de transportes e meios de comunicação, que devem estar ao alcance da sociedade (BRASIL, 2004). Complementando, a Lei nº 13.146 de 2015 trata a questão da acessibilidade como barreiras compreendidas como entraves ou obstáculos, que tendem a impedir o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas executarem a comunicação ou até mesmo o acesso à informação (BRASIL, 2015).

Desta forma, pensar em acessibilidade nos traz a ideia dos aspectos arquitetônicos, em atendimentos às deficiências mais perceptíveis, ou visíveis, como as deficiências físicas. É proporcionar acessos adequados, como rampas (acessibilidade física) e piso tátil



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

(acessibilidade sensorial). Entretanto, queremos discutir algumas ações que auxiliam as reinterpretações dos *foregrounds* de pessoas que carregam o *background* permeado por angústias, medos e exclusões.

Por essa razão, tornamos ao caso de Maria, a qual tem dúvidas, idealiza um estudo em matemática mais acessível, permeado por acolhimentos, que facilite a aproximação nos estudos e a superação de obstáculos. Como implementar uma educação que realmente seja inclusiva? Nesse contexto, podemos interpretar a Educação Matemática, com olhares críticos e inclusivos, como uma educação que tem o desafio de incluir a todos e não somente estudantes com deficiências. Incluir os alunos com diferentes origens culturais, diferentes etnias, diferentes aparências, diferentes religiões, diferentes opiniões em diferentes encontros. Uma educação que estabelece encontros diante do conceito de acessibilidade.

Em termos conceituais, Ponte e Silva (2015, p.262) explicam que a acessibilidade deve ser discutida e abordada além dos aspectos físicos ou sensoriais e “é um tema discutido constantemente nos meios sociais e nos debates acadêmicos, porém, a maioria das abordagens detém-se em discutir a falta de acessibilidade física em locais públicos, sem considerar outros aspectos como as barreiras atitudinais”. Para as estudosas, os obstáculos expressos nas atitudes tomadas pelas pessoas, também prejudicam o processo inclusivo.

Entendemos que a acessibilidade atitudinal está intimamente relacionada ao respeito e ao acolhimento. São atitudes e iniciativas que constroem o acesso e, em sociedade, podem tanto aproximar, unir e integrar, quanto ocasionar a exclusão, com preconceitos, com a falta de informação, com a criação de estigmas e estereótipos. Portanto, a acessibilidade atitudinal deve centrar-se em atitudes alegres e distantes dos preconceitos e discriminações.

A seguir, propomos discussões relacionadas aos medos e angústias de Maria, quanto às possibilidades e impossibilidades de acessibilidade e reelaboração de perspectivas futuras, trazendo nossas análises e interpretações do *foreground* da estudante.

Procedimentos Metodológicos: Quem é Maria?

Maria é estudante do curso de Matemática da FASESP e destaca interpretações das experiências vivenciadas até chegar nos estudos superiores. As reflexões e indagações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, nos encontros com os professores responsáveis pelo Grupo de Estudos e Iniciação Científica, sob responsabilidade de dois dos



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

autores deste artigo. Com a devida autorização da jovem discente, apresentamos um recorte das socializações que nos foram oferecidas e agora transcritas no Quadro 1. Em seguida, a voz de Maria é analisada de acordo com o contexto teórico adotado no artigo, exibindo o nosso reinterpretar.

Quadro 1: Do pontinho desenhado na lousa até o Mundo Colorido, minha experiência

Oi, meu nome é Maria, sou estudante FASESP. Minha infância escolar não foi o melhor dos períodos. Não entendo os motivos, o fato é que durante muito tempo eu permanecia de castigo, tendo que olhar para um pontinho desenhado no quadro, não podia falar. Me lembro das professoras pedindo pra que eu não lesse tanto e não desse as respostas para os alunos. Eu comecei a apanhar na escola, apanhava de outros alunos e também batia, pra me defender. Eu era taxada como feia, esquisita, estranha. Alguns professores também não gostavam muito de mim. Existia um consenso de que eu era boa em matemática. Alguns professores (matemática e física) me levavam desafios e eu fui praticando. Teve um professor de História que não me deixava assistir as aulas dele, porque eu perguntava muito. Fiquei praticamente um ano sem assistir aula de história, ele falava para eu ir com o professor de matemática. Eu não entendia o significado da Queda da Bastilha. Ganhei um livro de Geometria.

Hoje, aqui na Faculdade, meu mundo parece colorido. Sinto que é a oportunidade de descobrir como é o mundo que eu quero. Minha chance de aprender e ensinar. Quando o semestre letivo começou, eu me apresentei como autista e quis que isso não fosse um tabu dentro da sala de aula. Então, ao contrário do que eu imaginava, eu recebi acolhimento dos meus colegas. Com o tempo, comecei a interagir mais com a turma, perdi o medo de me comunicar, os meus colegas iniciaram uma conexão, permitindo um trocar de informação e aprendizagens que, na minha opinião, deve ser o ambiente acadêmico. Foi assim que as parcerias atitudinais começaram a surgir, bem como as amizades. Na sala de aula, todos os dias as mesmas pessoas sentando nos mesmos lugares. Então, certo dia, um dos colegas sentou-se no lugar de outro, que por sua vez sentou-se no lugar de outro, estabelecendo o sentimento de bagunça. Entrei em uma crise pois havia algo alterando a rotina dos lugares. Na intenção de solucionar a crise da rotina dos lugares, os colegas combinaram que modificariam as posições diariamente, quebrando a previsibilidade dos assentos. Às vezes entro em crise. Um dia as mesas estavam bagunçadas e, para evitar uma nova crise, um colega foi comigo para arrumarmos as mesas. Aí ficou uma mesa fora do lugar, ele ficou muito preocupado, que eu ia pitar porque a mesa estava fora do lugar, e colocou a mesa no lugar. Isso me faz bem, o acolhimento. Pensar que as pessoas pensaram em você e...e pensaram em uma forma de acolher e entender você. No futuro, eu quero fazer mestrado. Quero estudar mais sobre dificuldades de aprendizagem e inclusão. Inicialmente a convivência com os professores foi esquisita e não do jeito ruim. Eu realmente me senti acolhida. Pertencente ao grupo acadêmico, me senti tratada como aluna e não como um "bichinho" estranho que por vezes as pessoas olham pra ver se está bem. É como se tivesse algo nos professores dizendo: tá, a matéria ela aprendeu, mas será que ela sabe ensinar isso? Como será o futuro profissional dessa minha discente? Existe uma preocupação mais completa sobre a minha formação. Por isso, ao mesmo tempo que decidi sair do meu "armário autista" tinha ciência que poderia ser mal vista, poderia ser marginalizada e até ser desprezada por isso. Estava esperando que tudo isso fosse acontecer comigo. Não aconteceu. Minha primeira crise sensorial foi na primeira semana de curso, tinham muitas pessoas, muitos cheiros. Me senti acolhida pelos professores enquanto esperava a regulação sensorial, o momento de melhorar. O acolhimento da turma faz muita diferença. Por vezes, poder apagar a luz do fundo da sala pode parecer simples só que faz toda a diferença no meu olhar para aula, por conta de uma luz a menos eu consigo prestar mais atenção. Isso também me fala sobre a humanização do ensino acadêmico. Como minha formação é em licenciatura eu estou aprendendo muito sobre esse olhar humanizado para os alunos. Há menos de um mês disse



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

para um professor que o que eu menos estava prestando atenção na aula dele era aprender funções. Meu olhar estava 100% voltado para a forma que ele lia os alunos dentro de sala, como ele percebia que tal dúvida não foi sanada corretamente. A FASESP é a minha primeira experiência acadêmica após o diagnóstico de autismo. Inicialmente, tive receio de como seria o acolhimento no Ensino Superior, sendo eu uma estudante autista.

Fonte: elaborado pelos autores

Discutir Educação Matemática sob olhares críticos e inclusivos, inclui pensar nas possibilidades para o ensino e aprendizagem nos variados ambientes educacionais, com diálogos e reflexões quanto ao papel desempenhado pela educação em uma gama de situações, entre elas, as que envolvem a participação de todos os estudantes na construção do conhecimento. Por exemplo, buscar por informações sobre como os estudantes percebem a matemática em suas vidas diante das situações sociopolíticas, aspectos do *background*, alegrias e brincadeiras da infância, possíveis momentos de exclusão, abandono, felicidade, obstáculos, marcas que permaneceram na vida e que interferem nas opções de escolhas para o futuro. Depreendemos que o conhecimento dos *foregrounds* dos estudantes nos auxilia a conhecer os motivos de suas aprendizagens, uma noção entendida como *estar dirigido a*.

Nesse sentido, buscamos conhecer Maria que, sentada do lado esquerdo de uma sala, parecia ansiosa enquanto aguardava ser chamada para a entrevista do processo seletivo. Ao que tudo indica, Maria tem olhares ao futuro. Após o resultado da aprovação no processo seletivo, a estudante iniciou a Licenciatura em Matemática, na Faculdade de Educação Sesi (FASESP), e nos relatou as experiências do mundo de sua vida, antes e agora.

Ao apresentar as vivências do passado de Maria, revisitamos o *background*, por entendermos que essas lembranças tendem a influenciar o envolvimento nos estudos presentes, bem como o *foreground*. A estudante narrou experiências não agradáveis, como observamos no seguinte excerto: “*minha infância escolar não foi o melhor dos períodos*”. Há indícios de exclusão e, embora não tenha clareza dos reais motivos, revelou ter vivenciado períodos de castigo “*olhando um pontinho desenhado no quadro, eu não podia falar*”. Além disso, Maria contou que apanhava dos colegas, que a consideravam “*feia, esquisita, estranha*”, relatando inclusive ter ficado praticamente “*um ano sem assistir aula de História*”, não por opção dela, mas porque “*fazia muitas perguntas, atrapalhando a aula*”, não compreendia o significado da “*Queda da Bastilha*”. “*Por que caiu?*”

Diante do exposto, intuímos momentos de exclusões e incertezas de convívio escolar. Skovsmose *et al.* (2012, p.254) apontam que “o *foreground* de cada um é uma poderosa fonte de razões e intenções para a decisão de dedicar-se à aprendizagem assim como pode



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

ser a causa que leva à desistência a envolver-se num tal processo”. Os *foregrounds* dos estudantes são construídos a partir das diferentes interpretações que realizam nos processos sociopolíticos. Os autores complementam que “a discriminação é um fator social poderoso, cujas formas de manifestação podem arruinar os *foregrounds* de certos grupos de pessoas” (p.255).

No caso de Maria, o processo de exclusão não arruinou sonhos e desejos de futuro promissor, uma vez que a jovem entende que hoje, na FASESP, encontra possibilidades de colorir o próprio mundo na vida acadêmica. Um *foreground* que interpretamos como esperançoso, uma vez que revela a intenção de continuar os estudos, como podemos observar na narrativa: “*quero fazer mestrado*”, demonstrando a vontade de continuar os estudos.

Com relação à acessibilidade percebida nas atitudes dos colegas e professores da FASESP, a estudante relatou que todos têm procurado facilitar a aproximação com o mundo colorido dela. Várias foram as situações apresentadas por Maria, revelando nas atitudes, momentos propícios à acessibilidade, por exemplo quando descreve a necessidade de apagar a luz no fundo da sala: “*poder apagar a luz do fundo da sala pode parecer simples, só que faz toda a diferença no meu olhar para a aula [...] me senti acolhida pelos professores*”. Vale ressaltar que os professores, nas reuniões ocorridas semanalmente, são constantemente orientados por outro docente, que tem um filho com autismo e relata uma gama de vivências, ampliando as discussões e diálogos quando às mudanças de atitudes.

As narrativas também demonstram a Educação Matemática, com olhares críticos e inclusivos, principalmente quando Maria descreve “*a humanização do ensino acadêmico*” ou “*eu estou aprendendo muito sobre esse olhar humanizado para os alunos*”. A estudante complementa que observa atentamente as aulas de um professor, não se prendendo ao conceito do conteúdo ou conteúdos relacionados às Funções, mas na maneira como o docente “*lia os alunos dentro de sala, como ele percebia que tal dúvida não foi sanada corretamente*”. Isso indica que os receios demonstrados inicialmente pela estudante com relação às possibilidades de acolhimento nos momentos que antecederam o processo seletivo, foram eliminados. Para Skovsmose *et al.* (2012, p.235), “as intenções de aprendizagem podem estar conectadas não somente ao passado ou aos antecedentes de um estudante, mas, talvez, principalmente ao seu *futuro* ou *foreground*”. Maria disse: “*quero estudar mais sobre dificuldades de aprendizagem e inclusão*”, “*quero fazer mestrado*”, demonstrando, com isso, as intenções na aprendizagem voltadas ao seu futuro.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Considerações Finais

No presente artigo, propusemos discussões alicerçadas em teóricos que abordam a Educação Matemática sob olhares críticos e inclusivos. O objetivo do estudo foi apresentar algumas possibilidades de acessibilidade atitudinal no Ensino Superior, na intenção de conectar o *foreground* de uma estudante às novas prioridades, entendendo que o futuro pode ser reelaborado e reestruturado diante das interpretações das experiências com as atitudes inclusivas.

Maria teve um *background* escolar permeado por exclusões que caminharam desde ficar olhando para um pontinho na lousa, sem o direito de questionar as vozes que envolviam os próprios pensamentos, até os momentos de apanhar ou até mesmo ser excluída das aulas, a exemplo da aula de História. Entendemos que conhecer o *background* pode auxiliar a entender os motivos, as escolhas, prioridades, sonhos e desejos, demonstrando inclinações para a configuração do *foreground*. Essas reflexões são decorrentes de detalhes revelados nesse passado, admitindo uma relação ínfima entre as noções de *foreground* e *background*. Assim, abre-se espaço para se inscreverem possíveis interpretações diante das experiências e oportunidades de vida, sob a influência de vários aspectos, expectativas, esperanças, realidades, ilusões, possibilidades ou impossibilidades. Para Maria, estudar na FASESP é a oportunidade de pintar um novo colorido ao próprio futuro.

Diante do exposto na entrevista, compreendemos a necessidade dos docentes do Ensino Superior (e não somente), conhecerem o mundo da vida dos estudantes para, somente após, refletirem a respeito de caminhos atitudinais que possam auxiliar a acessibilidade. Para nós, Maria reinterpreto sonhos e desejos de futuro profissional promissor. Admitimos, ainda, a necessidade de continuidade de estudos, sugerindo discussões quanto à acessibilidade atitudinal. Desse modo, encerramos o presente estudo com questões que nos inquietam: com relação à acessibilidade, o que pensam os pais dos estudantes que cursam o Ensino Superior? Quais atitudes favorecem a aprendizagem quando o foco é a acessibilidade?

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004, que regula a Lei nº 10.048 sobre os critérios de acessibilidade. Disponível em:



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm acesso em 18 de junho de 2023.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm acesso em 18 de junho de 2023.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 1990.

PONTE, A. S. SILVA, L. C. A Acessibilidade Atitudinal e a Percepção das pessoas com e sem Deficiência. **Caderno de Terapia Ocupacional Universidade Federal de São Carlos**. V. 23, n.2, p. 261 – 271, 2015.

RONCATO, C. R. **Significado em Educação Matemática e Estudantes com Deficiência: possibilidades de encontros de conceitos**. Tese (doutorado), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2021.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à Educação Matemática Crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 2014 (Perspectivas em Educação Matemática).

SKOVSMOSE, O; ALRØ H; VALERO, P; SCANDIUZZI, P. P. Antes de dividir temos que somar: 'entre-vistando' *foregrounds* de estudantes indígenas. **Bolema**, Rio Claro, SP: UNESP, v. 22, n. 34, p.237–262, dez. 2009.

SKOVSMOSE, O; ALRØ H; VALERO, P; SCANDIUZZI, P. P. A aprendizagem matemática em uma posição de fronteira: *foregrounds* e intencionalidade de estudantes de uma favela brasileira. **Bolema**, Rio Claro, SP: UNESP, v.26, n. 42, p.231-260, abr. 2012.